

DIFERENCIAÇÃO DO PRODUTOR RURAL DE CARANDAÍ, FACE SUA INSERÇÃO NOS MERCADOS METROPOLITANOS DO RIO DE JANEIRO E BELO HORIZONTE

Ana Carla Barbosa Viveiros – Universidade Federal do Rio de Janeiro
anacarlageo@gmail.com

Introdução

A área em estudo compreende a microrregião de Barbacena cujo município de mesmo nome caracteriza-se como um centro sub-regional na rede de lugares centrais em Minas Gerais. Porém, o trabalho foi desenvolvido tendo como foco a ser estudado o município de Carandaí que está localizado na microrregião de Barbacena inserida na mesorregião de Campos das Vertentes.

O trabalho tem como objetivo compreender as transformações econômicas e sociais da região que são influenciadas pela modernização da agricultura e entender se essa modernização atua de forma a possibilitar a inserção de pequenos e médios produtores nos mercados metropolitanos de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. É sabido que fatores como escala de produção e o nível de modernização encontra-se diretamente associados ao grau de inserção desses produtores e que essa inserção reflete diretamente nas suas condições sociais. Assim, o trabalho justifica-se pela importância da compreensão de como as mudanças no sistema de produção e comercialização estão ocasionando um processo de diferenciação tanto no sistema de produção como nas condições sociais dos produtores rurais de Carandaí.

Para a realização do trabalho fez-se análise de dados secundários do Censo Agropecuário do IBGE, procurando caracterizar e identificar mudanças na Estrutura Fundiária no período de 1970 a 1996, e realizou-se um trabalho de campo no município de Carandaí onde se fez entrevistas e inquéritos junto aos produtores rurais visando identificar a estrutura fundiária e a condição do produtor, as relações de trabalho, o fornecimento de assistência técnica e as organizações do produtor como também as atividades desenvolvidas e os insumos aplicados ao processo de produção.

Referencial Teórico

Segundo Martine, diversos eventos atuaram na modificação da estrutura e no perfil da produção; como a consolidação do parque industrial, a instauração de um estilo de desenvolvimento visando a “modernização conservadora”, a fase de crescimento econômico denominado “milagre econômico”, ampliação do crédito rural subsidiado e de outros incentivos à produção e o desenvolvimento agrícola, a difusão e consolidação do pacote tecnológico da revolução verde e a melhoria dos preços internacionais para a produção agrícola. Em consequência, a demanda da indústria passa a controlar a dinâmica agrícola, pois com o aprofundamento da divisão do trabalho, a agricultura converteu-se um ramo da produção industrial que compra insumos e vende matéria prima para outros ramos industriais, assim não existe mais sentido em falar de uma burguesia agrária com interesses distintos ou oposto à burguesia urbana.

O campo enfrentou intensas transformações, neste momento, os créditos e os investimentos subsidiados realizados pelo Estado funcionaram como catalisadores do processo de industrialização,

porém as distribuições sociais, setoriais e espaciais dos incentivos provocaram uma divisão do trabalho crescente. As maiores propriedades, em terras melhores, tiveram acesso a crédito, subsídios, pesquisa, tecnologia e assistência técnica, a fim de produzir para o mercado externo ou para a agroindústria. Enquanto, os produtores menos capitalizados, que possuíam terras menores e menos férteis, utilizando práticas tradicionais e explorando mão-de-obra familiar para produzir excedente apresentavam dificuldades de acesso às políticas estatais, e quando conseguiam eram em número menor do que o necessário para uma dinamização da produção.

A agricultura torna-se uma atividade cara, à medida que se industrializa e utiliza insumos adquiridos em setores não agrícolas, cujo preço repercute diretamente no custo da produção, elevando as despesas e afetando a rentabilidade do produtor (Graziano,1981). Neste momento, a agricultura deixa de ser um simples meio de produzir alimentos e combate à fome e suas mazelas transformando-se em consumidora dos produtos das indústrias de insumos mecânicos e químicos e fornecedora de matéria-prima para as indústrias processadoras.

A transferência dessas novas tecnologias para os países periféricos é denominada “revolução verde”, que tinha como principal objetivo contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola, através das experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adaptadas às condições dos diferentes solos, climas e resistentes a pragas e doenças.

Esse modelo tecnológico caracteriza-se pela mudança no sistema de produção através da utilização de máquinas, sementes e mudas selecionadas e agroquímicos, e estes atuam possibilitando mudanças nas práticas culturais e uso do solo através da eliminação do pousio, permitindo uma produção mais especializada, com a utilização de técnicas gerenciais (assalariamento, comercialização e maximização dos lucros).

Face às intensas transformações, os pequenos produtores enfrentam grande dificuldade frente aos mercados que exigem produtos de alta qualidade e com preços competitivos. Neste sentido, uma forma de integração e colocação no mercado seria a produção direcionada para as agroindústrias. Para Bezzi et alli (2003), a agroindústria se constitui por duas motivações:

- Aproveitar o excedente que os produtores não conseguem por no mercado devido às dificuldades com os padrões de comercialização ou por problemas de qualidade, aos quais os produtores pretendem fornecer destino econômico;
- Para agregar valores aos produtos, quando as conjunturas são desfavoráveis para a comercialização do produto “in natura”.

Apesar das intensas transformações ocorridas sobre o espaço agrário, a pequena e média produção atua de modo criativo, criando meios de inserção nos mercados cada vez mais seletivos e exigentes, assim pode-se pensar na contribuição de Martine quando destaca que:

“quanto ao pressuposto de que existe uma tendência inexorável no sentido do desaparecimento da pequena produção, como corolário do avanço do capitalismo integrado e das grandes escalas de produção, trata-se de uma falácia – seja no que diz respeito à economia em geral ou no que se refere à agricultura em particular. Vários trabalhos documentam a persistência, e até o crescimento, da pequena produção familiar, até em países de capitalismo avançado. Deve-se destacar que a modernização não extingue o pequeno produtor, mas, ao contrário, cria a necessidade de

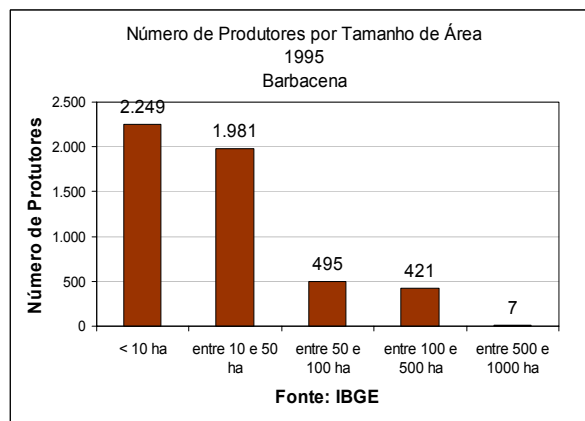
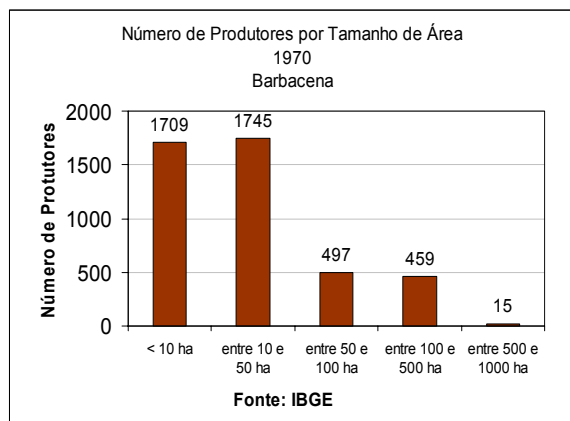
empreendimentos que apresentem vantagens em termos de flexibilidade, especialização, desburocratização e custos reais de mão de obra.”

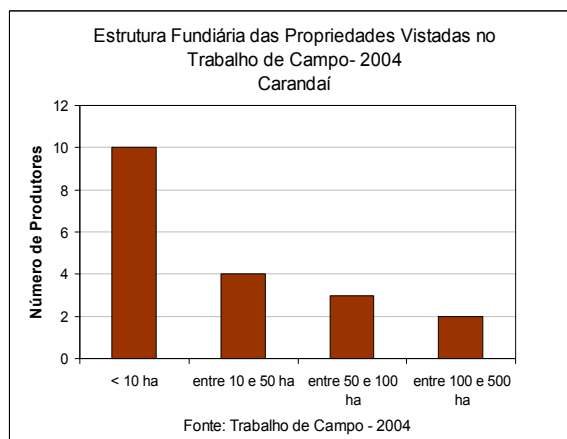
Ao falar na apropriação industrial e nas transformações ocorridas é preciso pensar que a entrada da tecnologia e do capital intensivo não transforma todos os agricultores em assalariados, e que existem outras formas de relações e produções para dinamizar a pequena propriedade familiar. Para Buttell in Goodman et Alli (1984), as pequenas propriedades podem ser consideradas “sub-familiares”, uma vez que a sua sobrevivência está na premissa direta do acesso a renda externa significativa. Neste sentido, o trabalho visa contribuir na compreensão da dinâmica da pequena e média propriedade e como estas estão se diferenciando em relação a sua inserção nas diferentes escalas de mercado e como essa inserção contribui para sua permanência como pequeno e médio produtor dinamizando sua produção e conseqüentemente suas condições sociais.

Caracterização do Produtor Rural de Carandaí

Estrutura Agrária

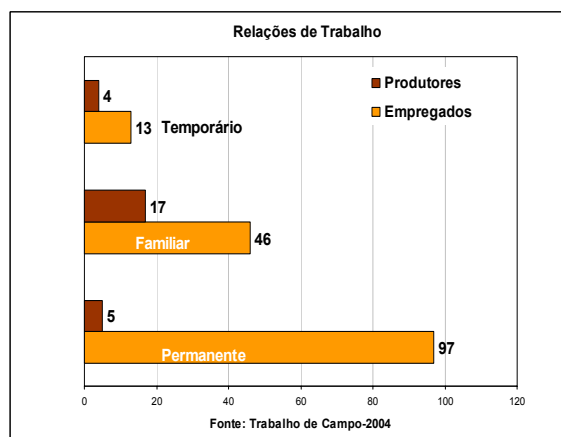
A estrutura fundiária do Município de Carandaí não evidencia a presença de grandes propriedades, tendo como predominância propriedades entre 01 a 10 hectares. Contata-se que o município em análise não foge da realidade da microrregião que está localizado.





A análise do gráfico sobre a estrutura fundiária da microrregião de Barbacena durante os anos de 1970 e 1996 permite-nos constatar que não houve grandes transformações em sua estrutura fundiária, porém pode-se perceber um aumento do número das propriedades até 10 hectares. Essa tendência sugerida por alguns autores indica a fragmentação da propriedade que pode ocorrer tanto pelo crescimento familiar como pelo direito de herança.

Apesar de todos os insumos modernos utilizados na produção, os médios produtores empregam cerca de vinte empregados permanentes, além dos trabalhos temporários e familiares também gerados. No gráfico: Relação de trabalho – observa-se que 05 médios produtores geram 97 trabalhadores permanentes. Esses trabalhadores são empregados no cultivo, transporte e distribuição e possuem direitos como carteira assinada, férias e 13º salário. Os trabalhadores permanentes recebem em média 02 salários mínimos que atuam dinamizando a economia local. Mas os pequenos produtores também geram trabalhos, tanto familiar como temporários, sendo que os temporários são contratados nos períodos de trabalho mais intenso como a colheita e o preparo do solo para o plantio. O pagamento do trabalho temporário é feito através de diárias em torno de R\$ 12,00 a 15,00 (sem almoço). A troca de dias entre os pequenos também foi identificada durante a realização do trabalho.

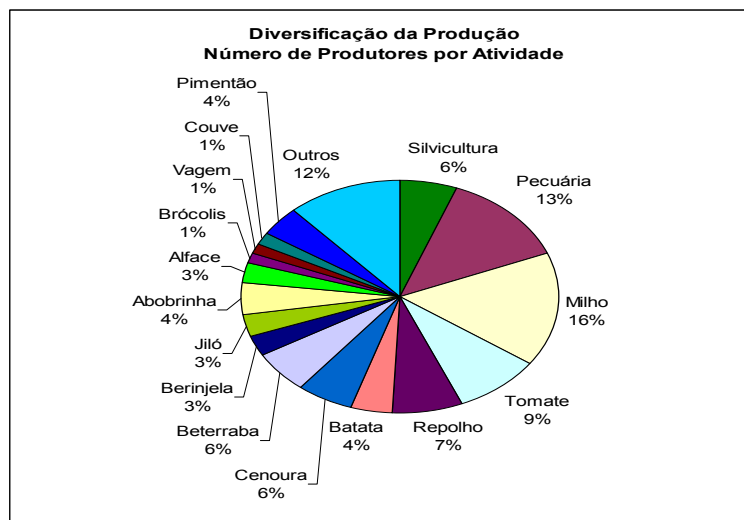


Modernização e Inserção nos Mercados Metropolitanos

A Produção

O município de Carandaí destaca-se na produção agrícola, principalmente na olericultura desenvolvida pelos pequenos e médios produtores de Carandaí. Ambos os produtores apresentam um alto índice de insumos modernos de acordo com as respectivas escalas de produção. No entanto, entre os médios foi possível perceber uma certa especialização em produtos como a cenoura, a batata, a beterraba e o repolho, pois esses são transportados mais facilmente a maiores distâncias e com menores perdas. Diferentemente dos médios, que se especializam, os pequenos produtores apresentam uma grande diversificação de sua produção, ou seja, não se tornam especializados. Em suas propriedades encontram-se frutas, verduras legumes e também a produção de mudas (repolho, beterraba e tomate) que são vendidas aos médios produtores.

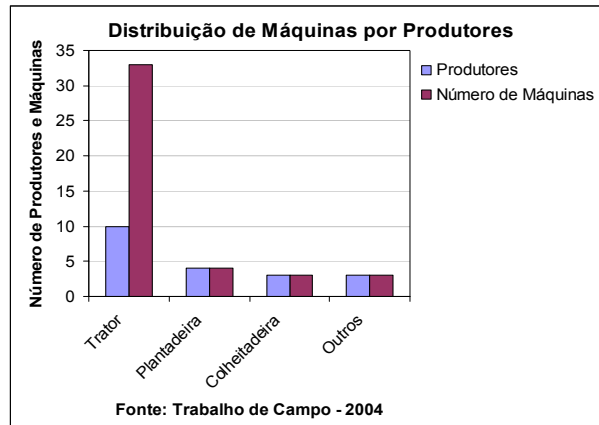
O milho é um cultivo que tem se mostrado extremamente rentável, pois é de fácil exploração, não exigindo grandes investimentos em insumos. Devido a isto, está sendo cultivado tanto entre os pequenos quanto entre os médios produtores. O seu cultivo está sendo estimulado face a crescente demanda para a produção de ração. A avicultura na região esta crescendo e sendo fomentada pela presença do frigorífico Frango Bom, de grande porte e em expansão, localizado em Barbacena.



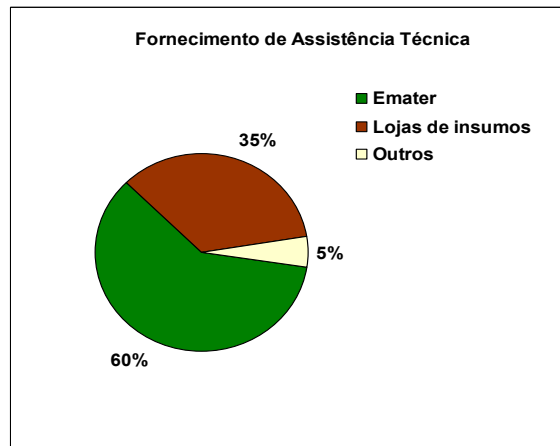
Fonte: Trabalho de Campo – 2004

O Sistema Técnico de Produção

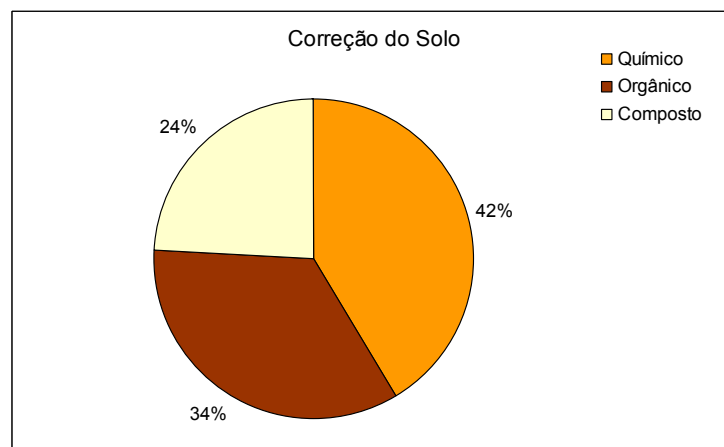
Em Carandaí, os produtores apresentam um elevado grau de mecanização (tratores, arados, máquinas para o plantio e colheita e equipamentos para a limpeza e empacotamento da produção). No gráfico: Distribuição de Máquinas por Produtores, constata-se que há uma concentração de tratores fato que está associado à presença de 3 a 4 máquinas por médio produtor. Os pequenos produtores que não possuem tratores recorrem ao aluguel, esse serviço quando prestado pela prefeitura custa ao produtor o valor do diesel. Porém, quando este é prestado por outro agricultor custa cerca de R\$ 40,00 a hora.



Em relação ao fornecimento de assistência técnica, como pode ser visto no gráfico: Fornecedor de Assistência Técnica, cerca de 60% dos agricultores recebem auxílio da EMATER local, mas foi identificado entre os 35% dos agricultores abordados que existe na região uma forte atuação das lojas de insumos.



Fonte: Trabalho de Campo – 2004

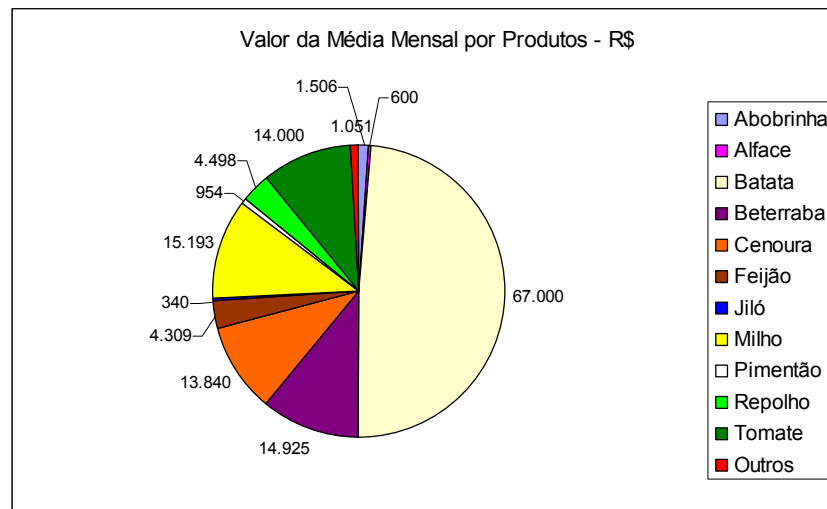


Fonte: Trabalho de Campo – 2004

Na área em referencia, tanto os pequenos como os médios produtores utilizam adubos, porém o químico é utilizado por 42% dos agricultores enquanto o orgânico, principalmente a “cama de frango” é utilizada por 34% dos agricultores. Embora haja o uso de insumos como adubo e fertilizantes os pequenos e os médios realizam técnicas tradicionais como o pousio e rotação de terras e culturas, o que demonstra certa preocupação com os recursos do solo e não uma dependência excessiva de insumos.

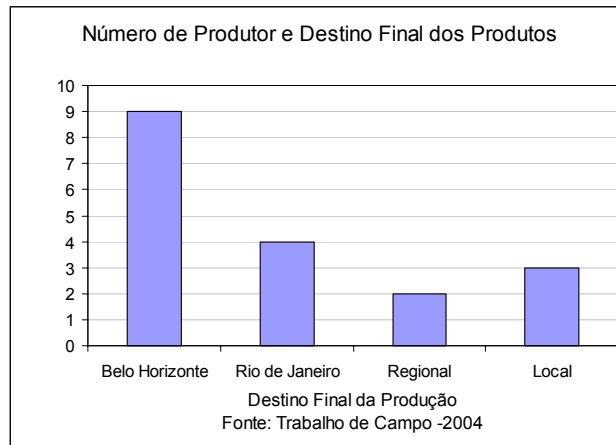
A Comercialização e os Mercados

Ao analisar o gráfico sobre o Valor da Média Mensal Por Produtos, constata-se que os cultivos com maior rentabilidade encontram-se nas mãos dos médios produtores uma vez que esses se especializam na produção de cultivos mais resistentes ao transporte como batata, cenoura, beterraba. O Milho apresenta um alto valor na produção mensal e este é produzido tanto pelos médios como pelo pequeno devido à facilidade na exploração e pela comercialização, que se processa na escala local e regional.



Fonte: Trabalho de Campo – 2004

Os Médios produtores inserem seus produtos na escala metropolitana fato que possibilita uma ampliação da renda e maiores investimentos em equipamentos modernos, que auxiliam na regularização e melhor qualidade da produção. Os pequenos produtores inserem a sua produção na dinâmica local e regional, porém alguns utilizam como estratégia de fuga do atravessador a participação em feiras locais e a venda de porta em porta ou no próprio local de residência.



Considerações Finais

Existe uma grande flexibilidade de situações no campo, não sendo possível determinar que a modernização expulsa os trabalhadores, pequenos e médios produtores rurais. Mas que essa é em alguns casos, como no estudo feito em Carandaí, de extrema importância para a inserção desses produtores na dinâmica local, regional e metropolitana. A inserção nas diferentes escalas atua na diferenciação dos produtores que convivem lado a lado, refletindo nas suas condições econômicas e sociais.

A modernização além de auxiliar na produção e na inserção dos produtos cultivados nos mercados locais e regionais atua na geração de postos de trabalho. Pois com a regularização da produção e a ampliação da qualidade dos produtos cultivados há uma demanda maior, o que necessita de um maior número de trabalhadores envolvidos nas diferentes etapas da produção, desde o plantio a administração da produção.

A presença da modernização não atua apenas de forma negativa, ou seja, excluindo pequenos e médios proprietários, transformando-os em trabalhadores. Essa pode atuar dinamizando a produção e propiciando acesso a diferentes serviços e produtos, necessidade cada vez maior devido à aproximação entre campo e cidade e a própria dinâmica do sistema de produção, o que gera a cada momento, novas demandas.

Referências Bibliográficas

BEZZI, L. M., MIORIM, F. V. e BITTENCOURT, R. . *Caracterização do mercado para produtos “in natura” e transformados da agricultura familiar da região do médio Alto Uruguais – RS: resultados preliminares*, In: Organização e Dinâmica do Espaço Agrário e Regional, (orgs) MENEZES, C.V.A., SANTOS, F. A., PINTO, S.S.J., DINIZ, F. J. e ANTONELLO, T. I. , 2003.

BEZZI, L. M., MIORIM, F. V. e BITTENCOURT, R. *Estudos para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na região centro – oeste do Rio Grande do Sul*, In: Organização e Dinâmica do Espaço Agrário e Regional, (orgs) MENEZES, C.V.A., SANTOS, F. A., PINTO, S.S.J., DINIZ, F. J. e ANTONELLO, T. I., 2003.

DINIZ, J.A.F. 1984. Agricultura e Geografia Agrária *in: Geografia da Agricultura*. São Paulo. Ed. DIFEL.

GOODMAN, D., B. SORJ e J. WILKINSON. 1987. Estruturas sociais rurais *in: Das Lavouras à Biotecnologia*. São Paulo.

IBGE. Censo Agropecuário de Minas Gerais (1970, 1995 / 96).

MARTINE, George. Planejamento e Políticas Públicas V.01.N.01-Jun-1989. Brasília. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 1990. V. Semestral.

MATTOS, R. B. A Rede de Lugares Centrais no Estado de Minas Gerais. UFRJ / PPGG, 2000. IL Dissertação de Mestrado - UFRJ / PPGG.

PESSOA, S. V. *Alternativas Econômicas para a Agricultura Familiar: uma reflexão sobre as “novas” atividades (agrícolas e não agrícolas)*, In: Organização e Dinâmica do Espaço Agrário e Regional, (orgs) MENEZES, C.V.A., SANTOS, F. A. PINTO, S. S. J. DINIZ, F. J. e ANTONELLO, T. I., 2003.

SILVA, G. J. A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. Ed.Ver Campinas. SP. UNICAMP IE, 1998.

SANTOS, Milton. 1996. A Natureza do Espaço. Ed. USP, São Paulo.